

RESENHA

CARVALHO, Nelly (1989) *Empréstimos lingüísticos*. Série Princípios, 170. Ed. Ática, São Paulo. pp.84

Resenhado por : Francisco Gomes de Matos
(Universidade Federal de Pernambuco)

Até que ponto podemos dizer que a incorporação de palavras e expressões oriundas de outras línguas constituirá enriquecimento ao acervo lexical de nossa língua materna ? Como cultivar atitudes esclarecidas a respeito do desenvolvimento qualitativo e quantitativo do vocabulário em língua portuguesa ? Por que o usuário de português às vezes tem que optar entre um empréstimo e uma forma autóctone ? A revista *Veja*, em sua edição de 13/12 de 1989, publicou uma matéria na qual as palavras *franchising* e *franquia* ocorreram 11 vezes cada. Que poderá acontecer nesse caso: predominará a palavra (originalmente francesa) introduzida por influência da terminologia comercial inglesa ou levará a melhor a equivalente em português ? Estas questões interessam não apenas a lingüistas, mas a todos os que se empenham em preservar e valorizar seu patrimônio lingüístico.

Estudiosa de aspectos lexicais reveladores da cultura brasileira, a professora e pesquisadora da UFPE propicia uma bem redigida e documentada iniciação a um dos mais importantes processos de designação, o empréstimo, usado particularmente quando uma

concepção inovadora ocorre primeiramente em outros países, sendo difundida através de línguas internacionais como o inglês, o francês.

À Introdução, espirotuosamente temperada pela inclusão de uma fábula da lingüista indigenista Adair Palácio (UFPE), seguem-se 4 capítulos, em que são abordados os temas Acervo lexical, Tipologia dos empréstimos, Campos de aplicação e Moral da história. Beneficia-se também o leitor com o acréscimo de um Vocabulário crítico e uma Bibliografia comentada.

A rigor, empréstimo lingüístico é termo inadequado, porque a língua receptora não devolve o termo emprestado. De qualquer modo, tal designação é universalmente usada, evidenciando um aspecto das relações entre os sistemas de representação cognitivo-lingüísticas à disposição dos seres humanos. Para Carvalho o empréstimo lingüístico é "a forma mais produtiva (no momento) de renovação lexical na língua portuguesa" (p.26). Bastaria examinar-se a terminologia na propaganda/publicidade (marketing/merchandising, layout) e na lingüística. Neste segundo caso, consultem-se os verbetes de origem inglesa na tradução brasileira (do original britânico A Dictionary of Linguistics and Phonetics) Dicionário de Lingüística e Fonética, de David Crystal, edição Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1988. Verificar-se-á a provável incorporação, ao vocabulário de muitos lingüistas brasileiros, dos termos baby-talk, pitch, cross-over, feedback, flap, fuzzy, glide, groove, network, output, tag, trill. Nessa valiosa obra de referência há uma entrada, clivagem, aportunuesamento do substantivo inglês clive.

A propósito, que empréstimos lingüísticos usou a autora em seu esclarecedor texto? À página 36, mass-media, embora grifado.

Em uma obra com boa fundamentação semântica e sociolingüística, soarã inadequado o uso de *corruptela* em vez de *modificação*, quando Carvalho esclarece que pidgin "seria uma corruptela de business e que crioulo seria uma corruptela de criadouro (p.34).

Às vezes a prática de citar lingüistas e outros especialistas, sem relacionar as respectivas obras na Bibliografia, diminui a informatividade do texto. Assim, o leitor é exposto aos nomes de Bloomfield, Haugen, Sapir, Martinet, Austin, Searle, Paulo Freire e Gilberto Freyre. Talvez uma solução prática em benefício do leitor não-iniciado fosse a inclusão de uma Bibliografia não-comentada.

Um lapso a registrar, na grafia do sobre nome do grande pioneiro de estudos contrastivos ou translingüísticos: Weinreich, aparece grafado Weinrich (pp.36 e 50). Terminologicamente, Carvalho parece preferir variante a variedade, quando esta forma seria mais adequada. É o caso de "a variante regional de maior prestígio influencia com seus termos as demais" (p.40). A referência, nesse contexto, é nitidamente a uma variedade regional.

No capítulo final, a autora caracteriza a situação em que se encontra a língua portuguesa no cenário internacional, afirmando que a mesma "perde terreno" (p.76). Dada a penetração de livros desta Série, teria sido oportuno mencionar que há poucas, mas positivas iniciativas em favor da internacionalização do português, uma das quais o lançamento em

1989 da Revista Internacional de Língua Portuguesa (Diretora: Dr. Maria Helena Mira Mateus, da Universidade de Lisboa).

Em suma, o objetivo da também jornalista Carvalho, de "dar uma idéia da diversidade de influências que formam o léxico da língua portuguesa", particularmente no concernente a empréstimos lingüísticos, é atingido com eficácia. Para saber como e por que a língua portuguesa é poliglota, mas também fortemente nativa em seu acervo lexical, recomendamos a leitura deste empiricamente construído livrinho, quer para aquisição ou, ... por empréstimo.